

A CONJUGAÇÃO DA VIDA PÚBLICA E PRIVADA ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Luísa Saavedra, Maria do Céu Taveira & Pedro Rosário
Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho – Portugal

Introdução: A conciliação entre vida familiar e profissional é um desafio para as mulheres que querem seguir ou seguem uma carreira profissional (eg., Cinamon & Rich, 2002ab; Fitzgerald & Harmon, 2001). Raparigas têm tendência para baixar aspirações face à carreira devido a dificuldades percebidas de conjugação do trabalho fora de casa com a vida doméstica e familiar (Leung, Conely & Schell, 1994). Estas podem estar na base de dificuldades na construção de uma identidade vocacional e da preferência por cursos “femininos”, com maior flexibilidade de horários e menor exigência de envolvimento com a profissão (Archer, 1985). Também, da maior “motivação para o trabalho” - desejo de trabalhar fora de casa, embora não dando prioridade a esse papel; e menor “orientação para a carreira” - tendência para fazer do trabalho o centro de interesse dominante da vida e encarar as tarefas domésticas como secundárias (eg., Cimanon & Rich, 2002a; Richardson, 1974).

Objetivos: Tendo por base estas concepções, o objectivo deste trabalho é analisar até que ponto raparigas adolescentes tem consciência daquela realidade e como referem a relação entre a vida pública e privada, quando se perspectivam no futuro, em termos vocacionais.

Método: entrevistas semi-estruturadas a 19 alunas do ensino secundário, com idades entre 16-19 anos, a frequentar uma escola urbana no norte de Portugal, controle do nível social e o seu rendimento académico [NS elevado com alto rendimento (N=8) e com baixo rendimento (N=0); NS baixo com alto rendimento (N= 6) e com baixo rendimento (N=5)]. Critério de alto rendimento: médias finais do 10º ano e do 1º período do 11º ano > 16 valores. Critério de baixo rendimento: 1 ou mais negativas no 1º período do 11º ano e/ou a realização de apenas 1 ou 2 disciplinas. Critério NS elevado: pais e mães com profissões técnicas superiores e mínimo licenciatura. Critério NS baixo: pais e mães operários e mínimo 6º ano escolaridade. **Temas da entrevista:** objectivos escolares e profissionais de curto e médio prazo e sua conciliação; atribuições de rendimento académico e estratégias de auto-regulação da aprendizagem; diferenças imaginadas na sua história e nos projectos de vida futuros, caso fosse rapazes. A **análise de discurso** (Wood, & Kroeger, 2000) serviu de base ao tratamento dos dados do primeiro tema, permitindo identificar nos diversos discursos, ausência de referência e diferentes referências à relação entre vida pública e privada

Resultados: algumas alunas não têm consciência desta relação – ausência de referência à conjugação entre vida profissional e familiar [eg., *Manuela (Línguas) - Em termos profissionais, imagino-me bem, sempre... depois em termos pessoais também, não sei... Se calhar casada, se calhar não... eu gostava de me casar, não é... mas são coisas que não se escolhem... surgem... mas imagino-me com uma vida estável (...)*]; (ii) outras, tendo já reflectido sobre este assunto, não encontraram ainda meios para o enfrentar – reconhecimento do problema, sem solução [eg., *Dora (Medicina) - Já, também já pensei nisso... já sei que vai ser um bocadinho difícil não é? porque é aquela coisa dos médicos não terem tempo para ter uma vida pessoal não é, serem chamados assim no meio... não sei (...)*]. Pois, não é não ter, que eles têm e eu também vou ter e quero ter, só que eles encaram um bocadinho a falta de tempo... se for médico de urgência como eu quero ser não é, estar sujeita a ser chamada assim a meio da noite e não sei quê... mas lá está... era o que eu gostava de ser, eu não tenho culpa, não sei.]; (iii) outras ainda, consideram o adiar da vida familiar como a melhor forma de lidar com a questão –adiamento da vida familiar/doméstica e saliência da profissão [*Isabel (Engª Civil) - tentar ir viver sozinha... é uma coisa que eu quero (...)*]. O futuro... o casamento e isso tudo, não vejo tão cedo essas coisas, tenho o futuro profissional primeiro. (...) Eu acho que há tempo para tudo e é primeiro a vida profissional, acho que está primeiro que tudo... não, não quer dizer que deixe a minha vida pessoal para trás, mas pode acompanhar, o casamento não é uma coisa prioritária na vida de uma pessoa... agora um casamento tem que ter uma situação financeira sólida, e para quem está a estudar, profissionalmente... quer engrandecer profissionalmente...]; (iv) outras pretendem encontrar um equilíbrio entre a sua vida pública e privada - [*o caso de MARIA (Medicina) - Sim, também quero ter, aliás Medicina que é um curso que exige muito, eu própria acho que vou estipular regras (...) e uma das regras que eu acho que vou fazer comigo própria é preferir ganhar menos mas ter uma vida afectiva... porque acho que isso é muito importante, muito para uma pessoa ser bem sucedida porque acho que a felicidade ajuda muito, muito... (...)*]. Sim, sim... de ter o meu tempo para os meus filhos... ter uma hora para chegar a casa, não chegar às não sei quantas da noite, só um dia por semana, claro, ter que fazer uma urgência... mas de resto chegar a... porque eu conheço médicos que fazem isso, chegam a casa a horas, mais ou menos por volta das 6, têm tempo para estar com os filhos, ter o fim de semana ou então um dia por semana para poder estar...]; (v) ou ainda, uma perspectiva irrealista e fantasiada acerca da relação em causa - consciência optimista [eg., *JOANA (Fisioterapia) - Penso em casar mas quando chegar a altura, quando tiver a minha vida estável, quando já souber aquilo que quero mesmo da vida, quando tiver o meu dinheiro ou assim... mas assim quando já tivesse um emprego, a minha casa, gostava de casar. (...)*]. Tem que haver tempo para tudo, tem que haver tempo para o trabalho, sem trabalho não há dinheiro, não há dinheiro, não há vida, tem que se jogar tudo, tem que haver um bocadinho de tempo para o trabalho, tem que haver um bocadinho de tempo para os filhos, e um bocadinho de tempo para o marido... e para os amigos também fazem parte da vida...].

Discussão e Conclusão: o “adiamento da vida familiar/doméstica” e o “equilíbrio entre vida privada e pública” coincidem com o “perfil trabalho” - quem confere elevada importância ao trabalho e baixo significado à família - e o “perfil duplo” - quem atribui igual significado à família e profissão, de Cinamon e Rich (2002a). Embora a “consciência optimista” se aproxime do “perfil família”, subsiste naquela maior idealismo, um modo mais romanceado de encarar a realidade. A primeira daquelas está conceptualmente próxima também da “motivação para o trabalho” de Richardson (1974). O adiamento da vida familiar/doméstica e saliência da profissão aproxima-se da definição dada de “orientação para a carreira”. As restantes categorias identificadas parecem ser típicas de adolescentes que, afastadas da realidade do quotidiano adulto feminino, ainda não amadureceram devidamente a reflexão sobre esta problemática. Os projectos vocacionais onde existe um domínio masculino (Engª e Arq.), parecem desenharem uma prevalência da vida profissional sobre a familiar, enquanto os projectos vocacionais mais orientados para sectores onde as mulheres são predominantes (Ensino, Línguas) ou em número equivalente ao masculino (Medicina) permitem uma maior variedade de formas de encarar a problemática, dando azo a que a individualidade de cada aluna se torne mais determinante, sendo a conjugação entre público e privado menos premente. Pelo menos uma das alunas refere probabilidade de reformulação do projecto vocacional devido a dificuldades percebidas de conjugação público-privado. Importância de prosseguir esta linha de estudo, relacionando o tema tratado com os restantes da entrevista. Benefício para profissionais de orientação: conhecerem e abordarem esta problemática na intervenção de carreira, desenvolvendo sensibilidade e mestria, caso a caso, no tratamento dos factores de género.

Referências: 1. Archer, S. L. (1985). Career and/or family: the identity process for adolescent girls. *Youth and Society*, 16, 289-314. – 2. Cinamon, R. & Rich, Y. (2002a). Profiles of attribution of importance to life-roles and their implications for the work-family conflict. *Journal of Counselling Psychology*, 49, 212-220. – 3. Cinamon, R. & Rich, Y. (2002b). Gender differences in the importance of work and family roles: implications for work-family conflict. *Sex Roles: A Journal of Research*, 47, 11-12, 531-541. – 4. Fitzgerald, L. F. & Harmon, L. H. (2001). In F. T. L. Leong e A. Barak (Eds.). *Contemporary models in vocational psychology* (pp. 207-230). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. – 5. Leung, S. A., Conely, C. W. & Schell, M. J. (1994). The careers and educational aspirations of gifted high school students: a retrospective study. *Journal of Counseling and Development*, 72, 298-303. – 6. Richardson, M. S. (1974). The dimensions of career and work orientation in college women. 7. – Wood, L. A. & Kroeger, R. O. (2000). *Doing discourse analysis: methods for studying action in talk and text*. London: Sage.